

“TÔ APRENDENDO A SONHAR”: NARRATIVAS DE JOVENS E SUA RELAÇÃO COM A ESCOLA

■ CELIA MARIA FERNANDES NUNES

<https://orcid.org/0000-0002-2338-1876>

Universidade Federal de Ouro Preto

■ KARLA CUNHA PÁDUA

<https://orcid.org/0000-0003-0421-9897>

Universidade do Estado de Minas Gerais

■ REGINA MAGNA BONIFÁCIO DE ARAÚJO

<https://orcid.org/0000-0002-1443-4876>

Universidade Federal de Ouro Preto

RESUMO

A arte cinematográfica tem se apresentado como potencializadora de ricas narrativas a partir de diferentes sujeitos, aspectos e abordagens. Percorrendo esse caminho, analisamos o documentário *Nunca me sonharam* que apresenta, na diversidade e singularidade das narrativas, as expectativas de vida e de futuro de jovens que frequentam as escolas públicas do Brasil. Optamos pela utilização do enfoque hermenêutico e narrativo para analisar os acontecimentos da vida narrados no filme, tomando como foco a relação dos jovens com a escola. Dessa forma, buscamos produzir uma análise narrativa que lança luz às falas dos jovens inserindo-as em uma história significativa, preservando os elementos singulares e aspirando uma compreensão de sua particular complexidade. Falamos de jovens que vivem a sua condição juvenil na diversidade de experiências, sonhos e expectativas de vida. A centralidade dessas vozes e a diversidade desses estudantes podem mobilizar reflexões sobre a desigualdade social em nosso país e o papel fundamental da educação e da escola. O diálogo com suas narrativas nos revela que “*tem muitas coisas que queremos dizer, mas não podemos*”, que “*tem muito sonho. Muita ideia. Pouca gente escutando pra realizar*”.

Palavras-chave: Narrativas. Juventudes. Educação. Escola. Filme.

ABSTRACT “I’M LEARNING TO DREAM”: NARRATIVES OF YOUTH AND TEIR RELATIONSHIP WITH SCHOOL

The cinematographic art has presented itself as potentializer of rich narratives from different subjects, aspects and approaches. Following this path, we analyze the documentary “*Nunca me Sonharam*” which presents, in the diversity and uniqueness of the narratives, the expectations of life and future of young people who attend public schools in Brazil. We chose to use a hermeneutic and narrative approach to analyze the life events narrated in the film, focusing on the relationship of young people with the school. In this way, we seek to produce a narrative analysis that sheds light on the speeches of young people, inserting them into a meaningful story, preserving the singular elements and aspiring to an understanding of their particular complexity. We speak of young people who live their youthful condition in the diversity of experiences, dreams and life expectations. The centrality of these voices and the diversity of these students can mobilize reflections on social inequality in our country and the fundamental role of education and schools. The dialogue with their narratives reveals that “*there are many things we want to say, but we can’t*”, that “*there are many dreams. Lots of ideas. Few people listening to accomplish it*”.

Keywords: Narratives. Young Education. School. Film.

RESUMEN ESTOY APRENDIENDO A SOÑAR”: NARRATIVAS DE LOS JÓVENES Y SU RELACIÓN CON LA ESCUELA

El arte cinematográfico se ha presentado como un potenciador de ricas narrativas a partir diferentes sujetos, aspectos y enfoques. Siguiendo este camino, analizamos el documental “*Nunca me Sonharam*” que presenta, en la diversidad y singularidad de las narrativas, las expectativas de vida y de futuro de los jóvenes que asisten a escuelas públicas en Brasil. Optamos por utilizar el enfoque hermenéutico y narrativo para analizar los hechos de la vida narrados en la película, centrándonos en la relación de los jóvenes con la escuela. De esta manera, buscamos producir un análisis narrativo que arroje luz sobre los discursos de los jóvenes, insertándolos en una historia significativa, preservando los elementos singulares y aspirando a comprender su particular complejidad. Hablamos de jóvenes que viven su condición juvenil a través de una diversidad de experiencias, sueños y expectativas de vida. La centralidad de estas voces y la diversidad de estos estudiantes pueden movilizar reflexiones sobre

la desigualdad social en nuestro país y el papel fundamental de la educación y las escuelas. El diálogo con sus narrativas, nos revela que “hay muchas cosas que queremos decir, pero no podemos” que “tiene muchos sueños. Mucha idea. Poca gente escuchando para hacerlo”.

Palabras clave: Narrativas. Jóvenes. Educación. Escuela. Película.

Introdução

A arte cinematográfica tem se apresentado como potencializadora de ricas narrativas a partir de diferentes sujeitos, aspectos e abordagens. Percorrendo esse caminho, analisamos o documentário *Nunca me sonharam*¹ que apresenta, na diversidade e singularidade das narrativas, as expectativas de vida e de futuro de jovens que frequentam as escolas públicas do Brasil. Tendo como tese a compreensão de que, se o Estado não tem um projeto para a educação e que cabe à sociedade esta tarefa, e portanto, de se mobilizar para tal, o filme procura mostrar como vivem e pensam esses jovens, complementando com a fala de alguns educadores e pesquisadores, além de imagens de escolas públicas. Contudo, deixa de trazer a discussão das condições sociais das famílias desses atores juvenis, sem reconhecer que as soluções para grande parte dos problemas apontados passa pelo fortalecimento do Estado e pela garantia do direito humano à educação.

As juventudes são analisadas a partir das narrativas de jovens que frequentam escolas públicas de Ensino Médio de oito estados brasileiros, que questionam e anseiam por um futuro melhor, assim como de professores(as),

gestores e especialistas. Dessa forma, aborda o tema das desigualdades educacionais em diferentes realidades do nosso país, mostrando também a centralidade da escola nos projetos de vida e de futuro desses jovens.

No campo educacional, a temática sobre as relações entre os jovens e os processos educativos em que estão inseridos envolve uma grande complexidade e tem mobilizado educadores e pesquisadores. Reconhecem que a temática das juventudes envolve uma “diversidade de experiências e práticas sociais que configuram o modo de ser jovem na contemporaneidade”. (LEÃO, 2011, p. 99)

O filme mostra experiências bem-sucedidas de gestão escolar, nas quais eles e elas se tornam protagonistas de um projeto de escola guiado pelo diálogo com as juventudes e pela valorização da cultura como motivadores do interesse pelo conhecimento e pela aprendizagem.

O documentário já inicia apresentando o direito à educação de acordo com o Artigo 205, da Constituição Federal: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Esse direito nos traz a discussão sobre as finalidades e função social da educação e da escola, fomentando o debate sobre o Ensino Médio. A oferta desse nível deve ser pensada na perspectiva da continuidade dos estudos e

¹ O documentário *Nunca me sonharam* foi dirigido por Cacau Rhoden e produzido pela Marina Farinha Filmes, numa iniciativa do Instituto Unibanco, e envolveu jovens das escolas parceiras do projeto “Jovem de futuro”. Ele foi apresentado na III Reunião do Comitê Diretivo da Agenda 2030 de Educação da Organização das Nações Unidas (ONU) em Nova York e no Seminário Internacional Desafios Curriculares do Ensino Médio: flexibilização e implementação, realizado pelo Instituto Unibanco, nos dias 21 e 22 de junho de 2017, na esteira da aprovação da Lei nº 13.415/2017 que implementou a Reforma do Ensino Médio.

preparação para a fase seguinte da escolarização ou vista como segmento de preparação para a inserção no mercado de trabalho?

Outra consideração a ser destacada e colocada por Leão (2011, p. 99) sobre esse tema refere-se:

A tendência a olhar negativamente a relação dos jovens contemporâneos com a escola. Quando conversamos com pais, gestores escolares e professores, tende-se a afirmar que os jovens não gostam da escola e dos seus professores. Isso se constitui em uma tese que domina o cenário e ofusca o olhar sobre a relação dos jovens com as instituições educativas.

Numa das vertentes possíveis de análise desse filme, discutimos acerca das juventudes por compreendermos que a condição juvenil leva em conta a diversidade que a constitui existindo, portanto, várias delas em um mesmo tempo e espaço social. Nosso propósito é dar visibilidade aos modos peculiares dessas juventudes viverem e se relacionarem com a escola, ressaltando os aspectos que a configuram como fenômeno social e categoria sócio-histórica e as suas implicações na interação com a instituição escolar.

Evidenciamos essas realidades tomando suas narrativas e seus relatos na busca de uma análise compreensiva de suas vozes. As narrativas possibilitam aos jovens expressarem a forma como experienciam o mundo e quais são os sentidos que esses jovens atribuem às suas vivências e realidades. Mesmo narrando experiências singulares, isso não significa que sejam individuais, cada um desses jovens está imerso em papéis e lugares sociais, políticos e econômicos que marcam de maneira significativa suas vidas. Buscamos, ainda, discutir no texto as particularidades das narrativas juvenis e do estilo fragmentado da narrativa filmica, partindo de um debate sobre a perspectiva interpretativa de análise de narrativas, apondo suas potencialidades.

Interpretando narrativas juvenis: uma perspectiva hermenêutica

As narrativas de jovens que percorrem o filme aqui analisado nascem de experiências vividas e nossa intenção foi tentar compreender as ações humanas a partir delas, considerando que o mundo da vida é a base das interpretações dos jovens e também das nossas. É com esses pressupostos que nos propomos aqui a interpretar as vivências dos jovens a partir das histórias que eles nos contam no filme.

Optamos pela utilização do enfoque hermenêutico e narrativo (BOLÍVAR, 2002) para analisar os acontecimentos da vida narrados no filme, tomando como perspectiva a relação dos jovens com a escola. A afirmação dessa perspectiva interpretativa e narrativa faz parte de uma virada hermenêutica que aconteceu nas ciências humanas a partir dos anos 70 do século XX, ao priorizar as significações atribuídas pelos atores sociais. Tal perspectiva se nutre das orientações mais reflexivas e biográficas da Sociologia da Escola de Chicago nos anos 1920 e das etnografias antropológicas pós-modernas que lançaram luz a tarefa de ler a cultura como textos.

A proposta do enfoque narrativo é priorizar o diálogo e relacionar produtivamente as narrativas das pessoas e as narrativas das pesquisadoras, com vistas à compreensão da vida social. Tais narrativas expressam importantes dimensões da vida humana e reconstruem a experiência por meio de um processo reflexivo que dá significado ao vivido (BOLÍVAR, 2002). Assim, diferentes sujeitos se autointerpretam por meio da narração biográfica. Nesse sentido, ao falar de narrativas, estamos colocando nosso olhar tanto no relato cuja trama argumental segue uma sequência temporal, quanto no enfoque investigativo que analisa esses dados biográficos.

A intenção da abordagem hermenêutica-narrativa é, segundo Bolívar (2002), captar a riqueza e detalhes dos assuntos humanos – motivações, sentimentos, desejos, propósitos –, com o foco nos significados dados pelos atores, partindo de ações concretas e particulares, tal como a relação das juventudes com a escola. E, como todos os fenômenos sociais, é preciso nos atentar para os contextos específicos e concretos aos quais as narrativas nos remetem, no caso do filme em questão, escolas de ensino médio onde estudam jovens das periferias.

Nessa perspectiva hermenêutica, privilegamos o processo dialético chamado de “fusão de horizontes” (SOARES, 1994, p. 13). Procuramos interpretar significados, decifrar símbolos e esclarecer sentidos do que foi dito em palavras ou imagens, porém, admitindo-se que múltiplas interpretações são possíveis, segundo ressaltou Gentil (2008). É preciso ter consciência de que uma interpretação nunca é definitiva, mas sempre histórica, limitada e aberta à discussão.

Para Gentil (2008), interpretar é tomar o caminho do pensamento aberto pelo que está sendo narrado, entregando-se e aceitando pôr-se na direção do pensamento e do olhar proposto nas narrativas em questão. Porém, devido ao processo de inter-relações recíprocas, denominado de “fusão de horizontes”, toda interpretação resulta em movimentos de apropriação e reconfiguração do que está sendo veiculado nas narrativas. Nesses movimentos de interpretação, buscamos inserir as narrativas em uma história mais ampla da qual faz parte e anunciar processos que ainda estão por vir.

Nesse sentido, os relatos juvenis do filme sobre a escola se apresentam como meios privilegiados de conhecimento, que descrevem experiências únicas e singulares a partir dos sentidos dados por eles. Tais interpretações dos atores são permeadas por sentimentos e

vivências relacionadas aos contextos em que vivem e, do ponto de vista da investigação, enriquecem nossa compreensão da experiência humana.

Nesse tipo de abordagem, o que importa são os mundos vividos pelos sujeitos que expressam no filme sentidos singulares e lógicas particulares de argumentação das diferentes juventudes do nosso país. Nossa proposta nesse texto é examinar alguns núcleos desses significados veiculados por eles, sem a rigidez de categorias pré-determinadas.

Dessa forma, buscamos produzir uma análise narrativa que lança luz às falas dos jovens, buscando inseri-las em uma história significativa, preservando os elementos singulares e aspirando uma compreensão de sua particular complexidade.

Nosso intuito é evitar a expropriação das vozes dos jovens no relato fílmico, porém, sem a intenção de permanecer presas aos horizontes de interpretação deles. Dessa forma, buscamos decifrar os componentes e as dimensões relevantes da vida, apresentados pelos sujeitos jovens do filme e situar seus relatos em um contexto que contribua para ampliar seu significado, em diálogo com as narrativas dos educadores e especialistas em assuntos educacionais trazidas no filme. Essas outras narrativas que aparecem no filme muito nos ajudam na compreensão dos relatos dos jovens.

Procuramos assim evitar tanto a postura ilustrativa, que seleciona palavras dos jovens para confirmar as interpretações das pesquisadoras, quanto a postura hiper-realista que atribui todo valor as próprias palavras expressas pelas juventudes, evitando assim a tendência de recortar suas vozes ao gosto das pesquisadoras e manipular seus discursos originais (BOLIVAR, 2002).

Nosso esforço interpretativo é no sentido de apontar dimensões relevantes da vida dos

sujeitos e situar os relatos narrativos em um contexto que contribua para ampliar seu significado. Assim, buscaremos situar as experiências narradas em um contexto sócio-histórico, com a intenção de ampliar os sentidos dados pelos jovens com os quais dialogamos.

Ainda nessa perspectiva, aspiramos um estilo narrativo de escrita que possibilite aos leitores experimentar as vidas e acontecimentos narrados. Inspirados na narrativa fílmica que provocou a construção desse texto, nossa intenção é situar os detalhes das narrativas desses jovens no marco do contexto das desigualdades que se refletem nas escolas brasileiras. Entretanto, nosso texto pretende se manter fiel à narrativa fílmica, sensibilizando os(as) leitores(as) a sentir empatia com a vida desses jovens e ao mesmo tempo situá-las no contexto das escolas contemporâneas, contribuindo para que os próprios jovens se atentem para outras dimensões que determinam as suas vidas.

Jovens, juventudes e o sonho

Nos últimos 15 anos, no Brasil e no mundo, o conceito de juventude vem sofrendo alterações importantes que mudaram a compreensão sobre o processo de transição para a vida adulta e sobre as culturas juvenis desse momento. Igualmente, é preciso colocar luz sobre as construções históricas e culturais construídas por esses sujeitos nas suas relações com os outros e com o seu entorno. Do ponto de vista da teorização, estudos e pesquisas revelaram que os jovens não são mais compreendidos como aqueles que estão numa fase de transição para a vida adulta e passaram a ser compreendidos como sujeitos históricos e culturalmente constituídos, sujeitos de direitos e, portanto, como aqueles que demandam políticas públicas (DAYRELL, 1996, 2003). Segundo o autor, os jovens devem ser considerados como seres humanos

[...] que amam, sofrem, divertem-se, pensam a respeito de suas condições e de suas experiências de vida, posicionam-se, possuem desejos e propostas de melhoria de vida. Acreditamos que é nesse processo que cada um deles vai se construindo e sendo construído como sujeito: um ser singular que se apropria do social, transformado em representações, aspirações e práticas, que interpreta e dá sentido ao seu mundo e às relações que mantém. (2003, p. 43)

Contudo, na afirmação de um dos jovens do documentário, temos a percepção de que os jovens se veem como aqueles que ainda “não são”, e alguns relatam que não queriam ser jovens e que é muito difícil viver este tempo:

Todo mundo aqui pretende ser alguém na vida. Tenho medo de não realizar meus sonhos.

Em pesquisa desenvolvida por Leão (2011), junto a jovens no Pará, essas atribuições também foram percebidas.

Uma grande diversidade do ponto de vista das motivações e sentidos em relação à escola, compondo um amplo mosaico. Eles manifestaram diferentes motivações como a retribuição familiar (‘quero estudar para dar uma boa vida à minha família, à minha mãe [...]’), a garantia como provedor(a) (‘dar um futuro aos meus filhos’) ou a garantia de uma vaga no mercado de trabalho (‘conseguir um bom emprego’). Outras vezes, apresentavam o discurso da escola como uma condição para ‘ser alguém na vida’, um discurso ainda a ser desvelado quanto ao seu significado. (2011, p. 108)

Os jovens que relatam suas vidas, sonhos e projetos nesse documentário frequentam escolas públicas diferentes, vivem em cidades distantes, mas na composição do filme se amalgamam num coletivo virtual que busca dialogar sobre a educação e com os seus projetos de vida. Enfim, narram sobre o futuro e de uma educação que faça sentido, nos tempos atuais, para os jovens e as juventudes do nosso país. Almejam um espaço educacional que os perceba e perceba as suas necessidades. Um espaço

onde eles podem ser e serem respeitados, sem discriminação e sem preconceito.

A escola para mim foi um lugar de discriminação, lugar onde eu sofri discriminação, dá de cara com o preconceito.

Eu acho que a escola tá aí querendo formar cidadãos(sic) alienados que não questionam o que a gente tá vivendo... você devia aprender a questionar tudo.

Mesmo numa clivagem dos depoimentos em trechos curtos e com pouca nuance, uma estratégia utilizada para que ao final percebamos uma única narrativa, as mais de 100 vozes juvenis nos levam para dentro do filme, revelando a invisibilidades desses jovens na escola e na sociedade. Cansados de serem tratados como jovens que “ainda não são”, que vivem um tempo de espera e de preparação, sem considerar o que são, o que podem e o que sonham, reivindicam o direito ao presente e de construir um futuro melhor para si, para a escola e, quiçá, para o mundo.

Nossa compreensão é a de olhar a juventude na sua diversidade e, portanto, já não falamos no singular, mas em juventudes, ou seja, um tempo não de transição, mas que assume sua própria importância, um tempo e espaço específicos de constituição do ser humano. A utilização do termo “juventudes” é uma forma de evidenciar a heterogeneidade da situação de juventude vivenciada, a consciência da complexidade que representam e da diversidade nas formas desses jovens serem e estarem no mundo.

A discussão em torno dos jovens e das juventudes nos desafiam a perceber características que vão sendo construídas nas relações sociais entre esses jovens e desses com os adultos que povoam o seu entorno, seja na família, na escola e no bairro, e de como esses aspectos se reverberam em diferenciações psicossociais, ou seja, na constituição identitária, nos

vínculos, atitudes, valores e posicionamentos políticos diante da realidade vivenciada. Na compreensão de Sousa (2006), é a partir dessas relações que o jovem passa a construir sua visão de mundo, a olhar ao seu redor e perceber-se parte de um mundo, de uma sociedade. Alguém que pensa suas definições diante dos papéis que vivencia e de assuntos mais gerais como violência, trabalho, família, política. Com isso, ele articula essas compreensões com a sua própria vida, com o ser e estar no mundo, considerando os seus movimentos e demandas, suas lutas e desafios.

Uma carreira no tráfico te dá respeito, te dá honra, te dá a capacidade de proteger os seus, te dá uma série de signos.

Já vi muita violência, já vi gente morrendo, só que eu cheguei na adolescência vendo meus amigos no mundo do tráfico, morrendo.

Parei de estudar para trabalhar porque eu tenho um filho.

Essas falas evidenciam alguns dos indicadores que colocam a questão juvenil no centro dos debates, tanto no meio acadêmico, quanto no Estado e na sociedade civil. A inserção precária e de baixa qualidade na Educação Básica, as poucas oportunidades de trabalho e de lazer, a ausência de uma formação ética, cidadã e de compromisso com o que é comunitário, a deficitária formação para o respeito à natureza e aos animais, que deveriam convergir para uma cultura de paz têm posicionado os jovens à margem de uma participação mais cidadã e democrática (SOUZA; PAIVA, 2012, p. 359).

A juventude/juventudes, diferentemente da adolescência, que tem sua faixa etária definida no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (Lei nº 8069/90) como o período que vai dos 12 a 18 anos incompletos, refere-se a um tempo que não é delimitado pela idade, mas sim por outros fatores como as transformações biológicas, psicológicas, sociais e culturais. Es-

ses fatores, por sua vez, variam de acordo com as diferenças sociais, culturais, de etnias e de gênero, dentre outras (UNESCO, 2004).

Mesmo sem uma delimitação precisa dessa etapa, convencionou-se que esse ciclo seria definido a partir de alguns fatores como aqueles relacionados à aquisição da autonomia, à inserção no mercado de trabalho, às expectativas de vida da população, dentre outros (AQUINO, 2009). A Assembleia Geral das Nações Unidas definiu, para a América Latina, jovens como sendo aqueles que integram o grupo de pessoas com idade entre 15 e 24 anos (UNESCO, 2004).

No Brasil, a Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) e o Conselho Nacional de Juventude (Conjuve), órgãos criados em 2005 a partir da preocupação do governo com a juventude brasileira, delimitaram a faixa etária de 15 a 29 anos, assim dividida: 15 a 17 anos – jovem-adolescente; 18 a 24 anos – jovem-jovem; 24 a 29 anos – jovem-adulto. Essa extensão da idade para os jovens segue uma tendência da maioria dos países que caminham na luta pelo estabelecimento de políticas para a juventude/juventudes (AQUINO, 2009).

Entretanto, a delimitação das idades para caracterizar o lugar geracional dos jovens na sociedade e nas políticas públicas não é o único aspecto que preocupa os estudiosos e pesquisadores. A complexa condição social e cultural dos jovens possui uma dinâmica própria, que sofre mutações com o tempo e o espaço que ocupam. Daí a impossibilidade de universalizar a condição juvenil, desconhecendo a sua historicidade e a sua trajetória. Torna-se, portanto, necessário conceituá-la social e historicamente, reconhecendo que em cada época e em cada sociedade os jovens terão uma concepção própria e papéis específicos (FRAGA; IULIANELLI, 2003).

O documentário foca em jovens que em seus relatos registram essas condições singu-

lares, são vozes potentes, verdadeiras, esperançosas que dão corpo a uma narrativa que evidencia uma condição social específica, e que não é tratada no documentário.

Como os meus pais não foram bem-sucedidos na vida, eles também não me influenciaram, não me davam força para estudar, achavam que quem entrava na universidade era filho de rico. Eles não acreditavam que o pobre pudesse ter conhecimento, pudesse ser inteligente. Para eles, o máximo era terminar o ensino médio e arrumar um emprego: trabalhador de roça, vendedor, alguma coisa do tipo.

Eu comecei a trabalhar com nove anos, cuidando de uma velhinha.

Essa é a realidade retratada no documentário e que traz para a tela e para o debate as condições de jovens que “nunca foram sonhados”, quer pelos seus pais, quer pelas escolas. Jovens cujos sonhos não cabem nas escolas e cujas palavras evocam o seu olhar para a realidade em que vivem, aquela em que vivem inúmeros jovens com as mesmas condições sociais e econômicas. Jovens com pouco ou nenhum recurso de acesso aos direitos básicos preconizados pela Constituição brasileira. Jovens já marginalizados e invisibilizados por toda uma sociedade que os colocam como “fase”, como uma “passagem”. Jovens inseridos numa sociedade em constante transformação com escolas que mesmo querendo, não conseguem acompanhar.

O sonho, a escola e o futuro

Já no início do filme, nos deparamos com o contexto proposto: os jovens nas periferias das cidades brasileiras. As juventudes são apresentadas como uma etapa difícil e intensa da vida, plena de experimentações e rupturas. Em narrativas que se entrecruzam, ouvimos os jovens e os especialistas interpretando esse contexto das juventudes nas periferias urbanas, contex-

to no qual geração, raça, tipo de escola e lugar de moradia se cruzam marcando um espaço de vulnerabilidade e de desigualdades sociais. É nesse cenário de oportunidades desiguais de vida e que “mata o futuro” dos jovens, que aparece a escola.

Uma série de marcadores se cruzam nos apontando as múltiplas juventudes das escolas das periferias: gênero, raça, geração, orientação sexual, classe social, regiões, composições familiares, em múltiplas desigualdades. Essas desigualdades vão repercutir num jogo desigual em que a escola perde para o tráfico, para a gravidez. Nesse contexto de vida no qual 50% da população é analfabeta, são baixas as expectativas para o futuro e para a escola.

Nesse cenário de bairros pobres, a escola aparece como também pobre, com estrutura física precária – sem reforma há 30 anos –, conhecimento fragmentado e pouca relação com a vida contemporânea. Dessa forma, a escola, como um lugar que constitui a porta de entrada para outros direitos, acaba por reforçar as desigualdades vividas fora dela, como algumas narrativas revelam: *“não aprendi nada”*, mas os jovens vão ali buscando um projeto de futuro, desejando boas aulas, desejando participação, aspirando uma outra escola. *“Uma escola que dê vontade de vir”*.

Mas o filme nos apresenta também outras imagens da escola e algumas delas nos encantam. Falamos da escola como lugar onde podem acontecer coisas que enriquecem os jovens e os adultos, como espaço onde *“tem muita coisa boa”*, professores que conversam, que deixam marcas, onde acontecem ricas trocas e onde é possível também se divertir. Essas imagens diferentes de escola mostram que uma outra escola é possível, capaz de atrair mais os jovens e oferecer mais para essas múltiplas juventudes.

Nessa outra escola, na qual a gestão tem um papel fundamental, torna-se possível rea-

tivar o rádio e a biblioteca, realizar eventos culturais, integrar a arte, participar da fanfarra e a emoção dos alunos e dos professores pode ter lugar, como nos mostra o filme. Nessa escola, que valoriza as histórias de vida de alunos(as) e professores(as) e que favorece o compartilhamento de saberes, cultura e educação não podem se separar. Esse tipo de escola é capaz de ampliar seus horizontes culturais e sociais, e construir valores voltados para cidadania, a democracia e a justiça social (CANDAU, 2016).

Para reinventar a escola, é preciso, pois, compreender os jovens, dialogar com eles, fazer dessa uma construção coletiva. Para isso, é preciso uma política de fortalecer boas experiências, apresentada no filme como o papel de um bom gestor, que acredita na educação, que coloca os jovens para trabalhar junto para construir uma escola boa. Isso não é possível, contudo, sem políticas públicas para as juventudes e sem uma postura aberta para o novo. Mesmo com poucos recursos, é possível fazer da escola um lugar alegre e prazeroso para os jovens e estimular a sua curiosidade epistemológica.

Mergulhando nas narrativas dos jovens ao longo do filme, é possível perceber uma série de olhares e vozes que muito tem sido silenciada. Foi possível identificar narrativas dos jovens que reportam o sonho, a escola e o futuro.

O “sonho” é uma categoria que aparece ao longo do texto. No entanto, percebe-se que pelo contexto social ao qual eles estão inseridos, pouco apoio tem a receber por parte das famílias e das políticas públicas, onde a condição social acaba sendo uma limitadora dos sonhos.

Nessa perspectiva, Leão (2011) nos alerta para o reconhecimento de que as vezes existe uma adequação dos sonhos e projetos à realidade de vida do próprio jovem. Assim recorre a estratégias para adaptações aos sonhos inicialmente desejados.

Tem muito sonho, muita ideia e pouca gente te escutando pra realizar”.

Acho que nunca me sonharam sendo um psicólogo, nunca me sonharam sendo professor, nunca me sonharam sendo um médico, não me sonharam. Eles não sonhavam e nunca me ensinaram a sonhar. Tô aprendendo a sonhar.

Eu não quero ser jovem não, queria passar logo direto pra fase adulta.

Meu maior sonho é ir pra Londres fazer faculdade, eu gosto e nem sei por que. É um desejo no coração.

Ao longo do documentário, percebe-se o quanto esses jovens podem ir além. É no contexto da escola e da vida, apesar das diversidades, que eles continuam sempre a sonhar. E é justamente na escola que aparecem as possibilidades de construir um futuro diferente e onde podem ter as suas vozes escutadas.

Nas narrativas, percebemos as significações sobre a escola para esses jovens. No caso da escola de Ensino Médio, temos o desafio há tempos enfrentado sobre o seu propósito, ou seja, oferecer uma formação geral ou profissional, considerando-a como etapa final do Ensino Básico. Acrescenta-se ainda na “[...] necessidade de desvendar o papel e o sentido atribuídos pelos jovens à escola, o que aponta para a discussão necessária sobre as possíveis relações que os jovens estabelecem entre os seus projetos de vida e a experiência escolar” (LEÃO; DAYRELL; REIS, 2011, p. 256).

Nesse cenário, o papel dos professores ao longo do filme ganha destaque ao promover esse lugar de formação crítica como dizem alguns jovens.

Do afeto que eu não tenho em casa eu acabo tendo aqui, então, para mim traz um conforto maior tanto pra mim estudar e me preparar pro Enem, pro vestibular, universidade, tanto na minha vida hoje e pro meu bem estar físico e mental.

Eu acho que é isso que me motiva. É a experiência. Porque o Ensino Médio é uma experiência

que vai ser marcante. Que já está sendo marcante na minha vida. E é uma coisa que eu vou poder guardar. Eu acho que vale a pena todo esse esforço de pegar três ônibus. Acordar tão cedo e chegar tão tarde.

Esses excertos nos alertam para a possibilidade de um outro papel e função da escola. Segundo Franco e Novaes (2001, p. 181), é importante reconhecer

[...] que é central verificar em que medida se harmoniza, no cidadão, o sujeito do conhecimento com o sujeito social, apto a enfrentar problemas relacionados às estratégias de sobrevivência e à sua inserção na comunidade mais ampla e no mercado de trabalho. Cabe, assim, articular escola e vida cotidiana, promovendo a formação de um cidadão consciente, historicamente situado, engajado nos problemas de seu tempo, dinâmico e participativo. Essa é, em última análise, a razão de ser da escola.

Contudo, assim como na pesquisa desenvolvida por Leão, Dayrell & Reis (2011), apesar da preocupação com o futuro, os jovens no documentário expressaram suas críticas a um tipo de escola e de aulas que não ajuda nos seus projetos de futuro.

A gente aprende a decorar, não aprende pra aprender.

Em momento algum dialogam com a gente na escola e perguntam o que vocês acham?

Foca muito na educação para prova pro vestibular e esquece do lado humano.

Muitas vezes o aluno se sente oprimido porque tem uma ideia tem uma opinião e limitam ele. Não pode falar. Não pode. Aí ele cresce com essa ideia que tem boas ideias e não pode expor pro mundo.

Não sei. Eu acho que eles pensam que tudo que o jovem transmite e besteira e que não tem importância.

Eles não colocam fé no que a gente faz. Sempre ficam com um pé atrás com o que o jovem está fazendo por causa de um erro de um.

Na pesquisa dos autores supramencionados, eles destacam que:

Em algumas falas, acentuava-se o modo tradicional de lecionar de alguns professores, que não utilizavam outras abordagens para envolver os alunos. Em outras falas, transparecia uma preocupação com os conteúdos não abordados ou tratados de uma forma superficial, o que tinha impactos na preparação para os vestibulares. (LEÃO, DAYRELL & REIS, 2011, p. 268).

Nas falas dos jovens do filme, podemos ver como a sua experiência com a escola é marcada, contraditoriamente, por aspectos positivos e negativos, como ressaltaram Martinez e Salva (2019). No filme analisado, assim como na pesquisa desses autores, percebemos que “[...] a relação dos jovens com a escola muda quando os professores se colocam em uma postura mais aberta” (p. 368) e dialógica, daí a importância do acolhimento e do respeito do professor em relação aos jovens estudantes. Entretanto, muitas vezes, predominam os aspectos negativos, quando por exemplo, o(a) professor(a) se coloca como aquele que sabe tudo, inibindo o aluno de se manifestar e dialogar com os conhecimentos que deseja transmitir.

Para os jovens das classes populares, esse tipo de escola, aberta a todos, mas que continua com o seu papel de reproduzir as desigualdades sociais, apenas lhes garante o acesso, mas só a poucos o sucesso, segundo Dubet (2008). E, ainda por cima, os convence de que o fracasso é fruto de seu próprio mérito, o que traz consequências importantes para a sua autoestima, sempre acompanhada de desânimo, depressão, ressentimento, agressão contra a escola, os professores e os bons alunos.

E quem chega no final do Ensino Médio é mega power sobrevivente (professora).

Mas não se trata apenas de concluir o Ensino Médio, é preciso também perguntar o que aprendeu, que conhecimentos adquiriu, que

valores e, se com eles, os jovens são capazes de viver de forma cidadã no mundo contemporâneo, como é o seu direito constitucional. Nessa perspectiva, há que se perguntar sobre o lugar que a educação para as juventudes ocupa no filme considerando duas dimensões: primeira, que a escola constitui um importante espaço de sociabilidade para os jovens e a segunda, que a escola é um importante espaço para promover a formação de um sujeito com consciência crítica da realidade.

Eu achava que no contexto escolar eu era só mais um assim. Passei a perceber que é algo imprescindível. Algo fundamental na formação do ser humano. Antes eu não tinha isso. Eu estou feliz sim. Vou ser o primeiro da família a terminar o Ensino Médio. Vou fazer o vestibular pra Direito.

No filme, o cenário vai se complexificando, ao revelar a realidade das escolas públicas brasileiras, apresentando as diversidades de anseios, desafios e questionamentos dos jovens que delas participam. Dessa forma, vai emergindo nas narrativas dos jovens a possibilidade também de uma outra escola, de uma outra aula, de outros professores, que possibilitam novos sonhos.

A gente tá aqui, a gente tem direito de fala e de escolha. E eu posso transformar as coisas ao meu redor.

É o professor que faz a aula e é apenas ele que pode marcar a vida do estudante!

Podemos falar daqui a uns dez anos sobre os conteúdos que aprendemos agora e lembrar, eu tive um professor que falou sobre isso!

O conhecimento se faz presente como uma chave capaz de abrir diversas portas.

Prefiro mil vezes, ficar na escola o dia todo, do que ir pra orla ou shopping!

Percebe-se ainda nas narrativas dos jovens um destaque dado a maior possibilidade da escola como real espaço de aprendizagem

através de um maior vínculo afetivo na relação alunos(as) e professores(as).

Tem espécies de vegetais que se plantam hoje, como as tâmaras, e só vão ser colhidos os frutos dela cem anos depois. Você planta, mas você não colhe, alguém vai colher, mas é importante que você plante! (professor)

Essa escola que parece dar certo para as juventudes, parece ser aquela onde existe o diálogo com os alunos, de modo a garantir as condições para o desenvolvimento de aprendizagens significativas. Segundo Tedesco e Fanfani (2004), para que esse diálogo seja possível, os(as) professores(as) precisam desenvolver a habilidade de compreender, apreciar e dialogar com as culturas dos alunos, que hoje são portadores de novas culturas, saberes e valores e portadores de uma nova relação com a cultura, como nos mostram as narrativas dos jovens do filme.

Em pesquisa acerca da escola e do trabalho, Franco e Novaes (2001) constataram que os jovens depositam na escola e na educação a única esperança de conseguir um *status* social mais reconhecido. Por isso, temos

[...] necessidade de esclarecer os limites e as possibilidades da instituição escolar, desmistificando sua imagem de promover de forma linear e imediata a ascensão social. Cabe, pois, explicitar junto aos alunos os inúmeros obstáculos contextuais e conjunturais que, concretamente, dificultam o alcance de determinadas metas e de alguns objetivos específicos. Metas e objetivos que, com certeza, se encontram delineados no ideário de *quem quer ser alguém na vida*. (p. 180)

Ainda assim, mesmo trazendo à tona os desafios das desigualdades de oportunidades educacionais para os jovens das escolas públicas, observamos experiências bem-sucedidas. São socializadas narrativas de professores e diretores que investem no processo de aprendizagem possibilitando os sonhos da

juventude. Sobre a categoria “futuro”, o roteiro de *Nunca me sonharam* apresenta positivamente os jovens como a riqueza do país em contrapartida da pobreza como limitadora de seus sonhos.

Convém destacar que é mais recente o processo de acesso das camadas populares ao Ensino Médio. Recorrendo a perspectiva, Bourdieu e Passeron (2014) na obra *Os herdeiros* analisaram como a origem social influencia de diferentes maneiras as trajetórias escolares dos indivíduos, Leão, Dayrell & Reis (2011) enfatizam a mudança ocorrida nesse processo. Até então, como a escola atendia às camadas altas e médias da população, percebia-se uma “certa homogeneidade de habilidades, conhecimentos e de projetos de futuro” (p. 255). No entanto, esse processo de democratização de acesso à escola passa a receber “[...] um contingente de alunos cada vez mais heterogêneo, marcado pelo contexto de uma sociedade desigual, com altos índices de pobreza e violência que delimitam os horizontes possíveis de ação dos jovens na sua relação com essa instituição” (p. 255).

Bourdieu e Passeron (2014) mostraram como as desigualdades sociais se manifestam em escolhas entre as diferentes possibilidades de percursos dentro do sistema escolar, para além da desigualdade de acesso. Estas seriam formas ocultas de desigualdades. Ao concentrarem-se em cursos ou escolas de menor prestígio, por impossibilidade de escolhas ou escolhas forçadas, os jovens das classes subalternas acabam sendo impedidos de sonhar com um futuro melhor. Junto a isso, hábitos culturais de classe distanciam os jovens da cultura escolar, vista como aculturação.

No documentário, essa perspectiva de futuro é narrada de forma diversificada:

Eu vivo no mundo da lua. Eu sou um defeito de fábrica. Eu acho que eu sou assim. Eu sou diferente de todo mundo.

Dizem que o jovem é o futuro da pátria, só que e o que a gente tá fazendo pra melhorar nosso futuro?

Porque muitas vezes eles julgam os jovens por e só uma fase. Se você tem uma opinião, é só uma fase. Não é só uma fase. É minha opinião e vocês têm que respeitar.

Se eu não for ser professora, quero ser a presidente do Brasil.

Eu não sei mais o quero fazer na vida. Eu gosto de muita coisa. Eu quero fazer muita coisa, eu não sei por onde começar.

Os professores acreditaram em mim, até o último momento me ajudaram a acreditar e a sonhar e isso me ajudou também a refletir sobre as minhas condições de onde eu estava e aonde eu poderia chegar. Eu não tinha perspectiva de vida, não tinha perspectiva de futuro.

Essas narrativas nos mostram que muitos desses jovens, oriundos das camadas populares, vivem um cotidiano muito distante da cultura escolar veiculada através do currículo, livros didáticos, linguagem e práticas educativas próprias da escola.

Essa perspectiva também se revela na pesquisa desenvolvida por Franco e Novaes (2011) quando entre os jovens participantes do período diurno apresentam a expectativa do ingresso no Ensino Superior, enquanto os alunos do noturno relacionam a escola com a possibilidade de “ascensão social, ser alguém na vida, ter um futuro melhor” (2001, p. 178).

Essas narrativas nos levam a pensar qual lugar e o papel da escola que temos e a que queremos, uma escola que possa formar o jovem numa perspectiva emancipadora diante de uma sociedade opressora. Se faz importante valorizar as escolhas dos alunos e compreender os seus sonhos e possibilidades. Como destacam Leão, Dayrell & Reis,

A relação dos jovens com a escola é permeada por múltiplos sentidos e significados, por sentimentos positivos e negativos. Como espaço de

encontro e sociabilidade, mas também do ponto de vista da sua função em termos de produção e transmissão de saberes e conhecimentos úteis à vida, à continuidade dos estudos e ao trabalho, ela é vista positivamente pelos jovens. (2011, p. 260).

Sobre a perspectiva de futuro, vemos ao longo do documentário que os jovens manifestam vários desejos e sonhos, relacionados à perspectiva de mobilidade social. De um modo geral, nas narrativas dos jovens, identificamos o contexto da escola e do ensino médio no país a partir do olhar da juventude. Nessa percepção sobre a escola, as narrativas se manifestam de forma diversa onde dependendo do contexto e da trajetória social de cada jovem, ela se apresenta numa perspectiva “salvadora” que poderá resultar também em uma mobilidade social.

Considerações finais

Eu não gostaria de mais adiante encontrar nenhum aluno e nenhuma pessoa que desistisse de buscar os seus sonhos porque um dia lá trás eu desisti dele.

A análise das narrativas dos jovens nesse documentário nos traz luzes para se pensar na relevância de desenvolver pesquisas que possam de fato trazer as vozes desse grupo de forma a levantar olhares para a educação que temos e a educação que queremos.

De modo geral, vimos que as narrativas dos jovens oscilam entre criticar a escola e acreditar na escola, o que nos remete à discussão de que a escola não é apenas lugar de reprodução das desigualdades sociais (BOURDIEU, 2003), mas é também lugar de possibilidades. Em outro texto de Bourdieu e Champagne (2003), também é apresentada a ambiguidade da consciência dos estudantes em relação à escola, ora percebendo claramente o seu papel reprodutor, ora acreditando nas possibilidades abertas por ela na construção de

um futuro melhor. Contudo, na visão desses autores, essa crença na instituição só permite usufruir por mais tempo a escola, mas para os jovens das classes populares, dificilmente haveria possibilidades de mudar esse futuro, dadas as condições limitadoras das condições materiais de vida.

Todavia, num olhar mais microscópico, podemos ver que algumas escolas e alguns professores são capazes de fazer a diferença na vida desses estudantes, de dialogar com eles, com as culturas juvenis e com as suas condições de vida. Ao garantir a escuta, o respeito e o reconhecimento dos jovens e suas culturas e recorrendo a outros dispositivos para regular a autoridade, a ordem, a disciplina e os processos de tomada de decisão, como ressaltaram Tedesco e Fanfani (2004), os(as) professores(as) constroem a sua própria legitimidade entre os jovens.

O documentário tem o mérito de trazer essas questões à discussão não apenas dos educadores(as), mas de toda a sociedade. Em que pese ter sido pensado para outros propósitos, ou seja, a divulgação do projeto que o inspira “Jovens de fFuturo” do Instituto Unibanco e como reforço à Reforma do Ensino Médio proposta pelo governo federal, ele coloca em tela jovens que frequentam escolas públicas e suas trajetórias de vida, suas histórias e os desafios que enfrentam, desde muito cedo. As vozes desses alunos e alunas têm o poder de nos levar para dentro do filme, num mosaico de sons e cores que narram as realidades e os sonhos da grande maioria dos jovens no Brasil.

As vozes desses jovens nos mostram, ainda, a necessidade dos professores e as escolas se abrirem para a compreensão de um novo perfil de juventudes que trazem outras experiências sociais e culturais, sendo que, “[...] muitas vezes, a instituição escolar não consegue dialogar com esses alunos. Parte-

se da concepção de um aluno ideal, motivado para a árdua tarefa de estudar, marcado pela identidade de estudante, uma pessoa que introjetou o ‘ofício de aluno’ e sabe lidar adequadamente com regras e normas escolares.” (LEÃO, 2011, p. 104)

Escutar as histórias desses jovens e vivenciar suas experiências sendo narradas revelou-se um caminho interessante para a escuta e abertura para o aprendizado com os estudantes, como ressaltou Souza (2018). A autora nos ensina que o pesquisador narrativo parte da experiência e compõe sentidos junto com os sujeitos, como tentamos fazer aqui no diálogo com as narrativas juvenis do filme.

Contreras (2016) também chama a atenção que o mergulho no vivido permitido pelas narrativas permite desvelar com mais amplitude muitas questões educativas e, dessa forma, nos orientar melhor no caminho da educação. Nesse sentido, as narrativas dos jovens do filme conduzem o nosso olhar para questões importantes sobre o ensinar e o aprender, nos ajudando a perceber novas possibilidades e sentidos.

Vimos que a centralidade dessas vozes e a diversidade desses estudantes podem mobilizar reflexões sobre a desigualdade social em nosso país e o papel fundamental da educação. Esse não é um filme para os cinemas, mas deveria ser visto por todos aqueles que se preocupam com a educação, sejam professores ou pais e que precisam olhar para a juventude na sua diversidade e singularidade.

Assim fica o convite para navegar na beleza do filme *Nunca me sonharam* que a partir de narrativas sensíveis são palavras fortes por si só. São vozes de jovens da escola brasileira que nos dizem dos seus sonhos e que apesar de muitas vezes não serem ouvidos, ainda assim acreditam na escola como possibilidade de alcançar uma vida melhor.

Referências

- AQUINO, Luseni Maria C. A juventude como foco das políticas públicas. In: CASTRO, Jorge Abrahão de; AQUINO, Luseni Maria C.; ANDRADE, Carla Coelho de (Orgs.), **Juventude e Políticas Sociais no Brasil**. Brasília: IPEA, 2009. p. 23-40.
- BOLIVAR BOTÍA, Antonio. *De nobis ipsis silemus*: epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, v. 4, n. 1, p.1-26, 2002. Disponível em <http://www.scielo.org.mx/pdf/redie/v4n1/v4n1a3.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2021.
- BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (Orgs.). **Pierre Bourdieu: Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. P.39-64
- BOURDIEU, Pierre e CHAMPAGNE, Patrick. Os excluídos no interior. In: NOGUEIRA, M. A. e CATANI, A. (Orgs.). **Pierre Bourdieu: Escritos de Educação**. Petrópolis, Vozes, 2003. P. 217-227
- BOURDIEU, Pierre.; PASSERON, Jean.-Claude. **Os herdeiros: os estudantes e a cultura**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.
- CANDAUI, Vera. Maria Ensinar - aprender: desafios atuais da profissão docente. **Revista COCAR**, Belém, Edição Especial, n. 2, p. 298-318, Ago./Dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/1035>. Acesso em: 2 maio 2021
- CONTRERAS, José Domingo. Relatos de experiência, em busca de um saber pedagógico. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**, Salvador, v. 01, n. 01, p. 14-30, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2518/1703>. Acesso em: 19 mar. 2021.
- DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sociocultural. In: DAYRELL, Juarez (Org.) **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. Campinas, ANPEd, nº 24, p. 40-53 set-dez, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf//rbedu/n24/n24a04.pdf>. Acesso em: 2 maio 2021.
- DUBET, François. A igualdade meritocrática das oportunidades. In: **O que é uma escola justa?** A escola das oportunidades. São Paulo: Cortez, 2008.P.
- FRAGA, Paulo César Pontes; IULIANELLI, Jorge Atílio Silva. Introdução: juventude, para além dos mitos. In: FRAGA, Paulo César Pontes; IULIANELLI, Jorge Atílio Silva (Orgs.), **Jovens em tempo real**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 19-37.
- FRANCO, Maria Laura Barbosa; NOVAES, Gláucia Torres Franco. Os jovens do ensino médio e suas representações sociais. **Cadernos de Pesquisa**, n. 112, p. 167-183, mar. 2001. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/620/636>. Acesso em: 19 mar. 2021.
- GENTIL, H. S. O que é interpretar? O mundo da ação e o mundo do texto. **Revista Mente, cérebro e Filosofia**. São Paulo - SP, v., n.11, p.6-15, 2008.
- LEÃO, Geraldo.; DAYRELL, Juarez.; REIS, Juliana Batista dos. Jovens olhares sobre a escola do ensino médio. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 31, n. 84, p. 253-273, Agosto. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ccedes/v31n84/a06v31n84.pdf>. Acesso em: 19 maio 2021.
- LEÃO, Geraldo. Entre sonhos e projetos de jovens, a escola. In: DAYRELL, Juarez; MOREIRA, Maria Ignez Costa; STENGEL, Márcia (Orgs.) **Juventudes Contemporâneas: Um mosaico de possibilidades**. Belo Horizonte. PUC Minas, 2011. p. 99-115.
- MARTINEZ, Lucas da Silva e SALVA, Sueli. A relação dos estudantes com os professores no ensino médio: narrativa e experiência. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 04, n. 10, p. 359-377, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/5470/pdf>. Acesso em: 19 mar. 2021.
- SOARES, Luis Eduardo. Hermenêutica: Breve introdução. In: SOARES, Luis Eduardo. **O rigor da indisciplina: ensaios de Antropologia Interpretativa**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. p. 9-29.
- SOUSA, Janice Tirelli Ponte de. Apresentação do

Dossiê: A sociedade vista pelas gerações. **Política & Sociedade: Revista de Sociologia Política**, Florianópolis: v. 5 n. 8, p. 9-30, 2006. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/1802/1561>. Acesso em: 19 mar. 2021.

SOUZA, Valeska Virgínia Soares. Eu.... Uma pesquisadora narrativa: aprendendo a pensar e escrever narrativamente. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**, Salvador, v. 03, n. 09, p. 966-982, set. /dez. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/5604/3545>. Acesso em: 19 mar. 2021.

SOUZA, Cândida de.; PAIVA, Ilana Lemos de. Faces da juventude brasileira: entre o ideal e o real. **Estudos**

de Psicologia, n. 17(3), p. 353-360, 2012. Disponível em <https://www.scielo.br/j/epsic/a/ZBY9r5KFD5c-7QnhzpZ6CVDk/?format=pdf>: Acesso em: 19 mar. 2021.

TEDESCO, Juan Carlos; FANFANI, Emilio Tenti Novos docentes e novos alunos. *In: Ofício de professor na América Latina e Caribe*. Brasília: Fundação Víctor Civita/UNESCO, 2004. p. 67-80.

UNESCO. **Políticas públicas de/para/com juventudes**. Brasília: UNESCO, 2004.

Recebido em: 25/05/2021

Revisado em: 01/08/2021

Aprovado em: 18/08/2021

Celia Maria Fernandes Nunes é doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO). Professora titular do Departamento de Educação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), atuando no Programa de Pós-graduação em Educação. Vice-líder do Grupo de Pesquisa Formação e Profissão Docente (Foprofi) da UFOP e membro do Núcleo de Pesquisa sobre Condição e Formação Docente (Prodoc) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). *E-mail: celia@ufop.edu.br*

Karla Cunha Pádua é doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), membro do Núcleo de Pesquisa sobre Condição e Formação Docente (Prodoc). Professora da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) dessa mesma instituição. *E-mail: karla.padua@uemg.br*

Regina Magna Bonifácio de Araújo é pós-doutora em Educação pelo Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, Portugal. Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora associada II do Departamento de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação de Jovens, Adultos e Idosos (Gepejai). *E-mail: regina.araujo@ufop.edu.br*